

AS CRÔNICAS DE NÁRNIA COMO ILUSTRAÇÃO DIDÁTICA DA CRISTOLOGIA

THE CHRONICLES OF NARNIA AS A DIDACTIC ILLUSTRATION OF THE
CHRISTOLOGY

THE CHRONICLES OF NARNIA AS A DIDACTIC ILLUSTRATION OF
CHRISTOLOGY

RESUMO

O presente artigo busca explorar além da Teologia Sistemática tradicional, realizando uma leitura paralela da Cristologia com os renomados livros As Crônicas de Nárnia, de C. S. Lewis. Por meio da integração entre a leitura de teólogos sistemáticos e as histórias de Lewis, este estudo pretende identificar como pode ser utilizada a figura de Aslam como ilustração para o ensino da Cristologia. Para tanto, considerando a similaridade entre as figuras, foi observado o processo de criação do personagem Aslam, os elementos primordiais da Cristologia e uma proposta de vinculação entre ambos, ampliando o alcance didático para todas as idades, devido à ampla repercussão mundial das sete obras de Lewis.

Palavras-chave: Aslam. Bíblia. C. S. Lewis. Jesus. Teologia Sistemática.

INTRODUÇÃO

A Cristologia, ramo da teologia que se dedica ao estudo da pessoa e obra de Cristo, ocupa um lugar central na fé cristã, uma vez que é por meio de Jesus que os cristãos têm acesso à revelação mais completa de Deus. A teologia sistemática, com suas diversas abordagens e conceitos, oferece as ferramentas necessárias para entender a pessoa de Jesus em sua totalidade, considerando tanto sua natureza divina quanto humana. A encarnação de Cristo, sua vida, morte e ressurreição são elementos essenciais para a compreensão de como Deus se revela e se relaciona com a humanidade.

¹ Estudante do Bacharelado em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. E-mail: natanscaff@gmail.com

Dentro deste contexto, o uso de ilustrações e metáforas no ensino teológico se torna uma ferramenta poderosa para tornar os conceitos cristológicos mais acessíveis. As obras de C. S. Lewis, especialmente As Crônicas de Nárnia, oferecem uma rica fonte de alegorias que, embora não apresentem uma representação direta de Jesus, podem funcionar como ilustrações valiosas de aspectos centrais da teologia cristã, como a redenção, o sacrifício e a vitória sobre a morte. A figura de Aslam, o leão, destaca-se como uma metáfora que auxilia a compreensão da natureza sacrificial de Cristo e a forma como sua morte trouxe vida e restauração ao mundo.

Considerando as simbologias e referências teológicas e bíblicas presentes nas obras de C. S. Lewis, As Crônicas de Nárnia, este artigo busca investigar como se pode utilizar a figura de Aslam como uma ilustração no ensino da Cristologia, especialmente da doutrina da encarnação, oferecendo uma maneira didática de abordar essas verdades teológicas complexas. Assim, considerando a semelhança entre as figuras, analisou-se o processo de criação do personagem Aslam, os principais elementos da Cristologia e uma proposta de ligação entre ambos, com o intuito de ampliar o alcance didático para todas as idades, aproveitando a ampla repercussão mundial das sete obras de Lewis. Para alcançar esse objetivo, foi utilizado o método hipotético-dedutivo, embasado em autores como Lewis, McGrath e Grudem.

1 AS CRÔNICAS DE NÁRNIA E SUA INSPIRAÇÃO

Clive Staples Lewis, ou C. S. Lewis, como é normalmente chamado e citado, é um nome muito conhecido, aclamado e estudado em várias áreas. McGrath citou em sua biografia de Lewis que: “Como observou certa vez seu amigo de longa data, Owen Barfield (1898-1997), houve re-

almente três C. S. Lewis.” (McGrath, 2013, não paginado): o famoso autor de romances, o escritor e apologeta cristão, e o notável professor e crítico literário de Oxford, este aspecto sendo o mais conhecido dentre os três, mesmo ele sendo o primeiro titular da cadeira de Literatura Medieval e Renascentista da Universidade de Cambridge. Com todo esse conhecimento e renome, é de se esperar que, mesmo 60 anos após a sua morte, ele ainda seja uma grande referência nessas três áreas citadas acima. Porém, Lewis nunca trabalhou com essa separação, pois seus trabalhos sempre foram uma fusão de todos os seus conhecimentos e habilidades, embora devidamente direcionados para o público que ele gostaria de alcançar, mostrando grande flexibilidade em sua escrita.

Em uma dessas junções, após vir à sua mente a imagem de uma criatura mágica andando por uma floresta, Lewis deu a primeira forma do que é hoje considerado um dos maiores livros de leitura infantojuvenil já lançados, As Crônicas de Nárnia. As obras, ou, como chama o autor, contos de fadas, contam de maneira lúdica a criação e o fim do mundo, a crucificação de Cristo e mostram elementos importantes que devem compor a fé e a ética cristã. Como o próprio autor fala em seu ensaio: “Por vezes, os contos de fadas podem dizer melhor o que deve ser dito”, a ideia inicial ao escrever as obras de Nárnia não era contar as verdades cristãs básicas por meio de “alegorias”; na verdade, tudo começou com ideias sobre o ambiente e sobre esse mundo mítico. “No começo, não havia nada de Cristão sobre eles; esses elementos apareceram por vontade própria. Fazia parte da ebullição” (Lewis, 2018, p. 92). Foi por meio dessa “Forma”, como ele chama, que percebeu que os contos de fadas eram a forma ideal para dizer aquilo que queria dizer.

No mesmo ensaio, Lewis também explica como o conto de fadas, o fantástico e o mítico presentes nela, é algo atraente para todas as faixas etárias se usada de maneira correta pelo autor, promovendo novas maneiras de apresentar conceitos e experiências, mas de maneira mais direta e que promova um enriquecimento da vida, ao invés de apenas comentários. McGrath complementa esta fala de Lewis, mostrando que

ele cria que “o imaginativo deve ser visto como um uso legítimo e positivo da imaginação humana, desafiando os limites da razão e abrindo a porta para uma apreensão mais profunda da realidade.” (McGrath, 2013, não paginado) Apesar de Lewis encerrar o ensaio falando que esta é a teoria e que não está falando sobre a sua experiência, ao analisar o público atingido pelas obras de Lewis, principalmente os sete romances de “As Crônicas de Nárnia” e como estas foram impactadas por suas histórias, percebemos que elas seguem sua teoria, atingindo várias faixas etárias, mas de maneiras diferentes e propondo discussões diferentes, indo da escrita em seu âmbito literário e mágico, à Teologia e as suas mensagens mais profundas além das terras de Nárnia.

1.1 A ESCRITA, LANÇAMENTO E ADAPTAÇÕES DAS OBRAS

Sem filhos e praticamente sem contato com outras crianças, a ideia de Lewis de escrever para o público infantil causou estranheza àqueles ao seu redor, especialmente considerando o contexto da época: a Segunda Guerra Mundial. Apesar desse pano de fundo e das dificuldades em sua vida, graças às constantes imagens que vinham em sua cabeça compondo este conto de fadas, a escrita delas ocorreu, em sua maioria, de forma tranquila. Lewis começou a sua escrita com uma imagem mental de um fauno, num bosque nevado levando um pacote (Duriez, 2018, p. 198). A partir desta imagem inicial, cinco das sete obras foram escritas em menos de três anos, entre 1948 e 1951. Lançado em 1950, o primeiro livro, “O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa”, foi originalmente publicado como uma obra independente (e ainda pode ser lido assim).

A partir dessa obra, surgiram outras histórias: “Príncipe Caspian”, “O Cavalo e seu Menino”, “A Viagem do Peregrino da Alvorada” e “A Cadeira de Prata”. As outras duas obras, “O Sobrinho do Mago” e “A Última Batalha”, que são, respectivamente, o primeiro e o último livro da série, foram as últimas a ficarem prontas. O primeiro foi o mais difícil para Lewis, pois,

apesar de ter começado a escrevê-lo em 1948, logo após a conclusão do primeiro livro, a obra só foi finalizada em 1954. Este, é considerado como um prólogo ao primeiro livro escrito, mas foi o penúltimo a ser lançado. Por conta destas situações, hoje existem três maneiras de ler as obras que compõem “As Crônicas de Nárnia”, sendo: pela a data de sua escrita, a data de sua publicação ou, a mais conhecida e normalmente a que é publicada, segundo a cronologia interna dos livros. (McGrath, 2013, não paginado)

Além dos livros, as obras de Lewis também tiveram várias adaptações, desde teatro à televisão e ao cinema. As mais conhecidas são: a minissérie produzida pelo canal britânico BBC entre 1988 e 1990, onde foram adaptados os livros “O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa”, “Príncipe Caspian” e “A Cadeira de Prata”, e as adaptações cinematográficas realizadas pelo Walt Disney Studios entre 2005 e 2010, adaptando os livros “O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa”, “Príncipe Caspian” e “A Viagem do Peregrino da Alvorada”. Os filmes, que seguiram a ordem de escrita / publicação, são os responsáveis por apresentar as histórias das terras de Nárnia para um público mais jovem que não as conhecia e de relembrar a magia dessas histórias para aqueles que não a lembraram. O primeiro filme, “O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa”, assim como o livro, foi um grande sucesso mundial, se tornando a terceira maior bilheteria do mundo no ano de 2005 (Recreio, 2020).

A história do quarteto de irmãos Pevensie explorando um mundo mágico ao entrar em guarda roupa cativa várias pessoas de várias faixas etárias ao longo de todos os anos. Nesta história, podemos ver a grande diferença entre as obras de Lewis e outros livros e contos infantis da época. Percebemos que nas histórias de Nárnia, ao contrário de outros contos da época como “O Mágico de Oz” (1900) em que a personagem principal já é avisada de quem é bom e quem é mau, Lewis mostra os personagens avaliando a todos os novos personagens que surgem e calculando como agir, buscando não só entender o novo mundo em que estavam inseridos, mas também em quem acreditar e porque, mostrando como é o compor-

tamento normal de um ser humano. McGrath finaliza este pensamento falando:

As crônicas de Nárnia falam de escolhas a fazer, de certo e errado, e de desafios a enfrentar. Todavia, essa visão de benignidade e grandeza não é exposta como uma argumentação lógica ou raciocinada; é, antes, afirmada e explorada por meio da narrativa de uma história — uma história que prende a imaginação. (McGrath, 2013, não paginado).

Para Lewis, as histórias de Nárnia possuem a capacidade de encantar novamente um mundo que se tornou desencantado. Elas instigam a mente humana a imaginar a realidade de uma maneira diferente, mas não se tratando de uma “fuga da realidade”, mas sim de encontrar significados mais profundos e valor em tudo que já vivenciamos. Como o próprio Lewis destacou, os leitores de suas obras infantis não desvalorizam “os bosques verdadeiros” por terem “lido sobre bosques encantados”; ao contrário, essa nova perspectiva faz com que “todos os bosques verdadeiros se tornem um pouco encantados” (McGrath, 2013, não paginado), e é nesta busca, que tanto Lewis quanto seus leitores, encontraram o Cristianismo em meio a este conto de fadas.

1.2 AS ALEGORIAS AO CRISTIANISMO

Outro fator que causou o grande sucesso dos livros e dos filmes, são as suas referências bíblicas conforme citadas no início deste tópico. Ao longo da história, principalmente do segundo livro / primeiro filme, percebemos que ela tem elementos que qualquer cristão reconhece e começa a se perguntar, será que está mesmo contando uma história fictícia? Aslam, o Grande Leão, personagem presente em todos os livros da série de 7 obras, mostra uma história muito similar, inclusive com falas e ações iguais a de Jesus Cristo, incluindo até o seu sacrifício por aqueles que nele o criam. Porém, o próprio Lewis já se pronunciou referente a esta suposição, conforme cita McGrath:

Na realidade, porém, ele (Aslam) é uma invenção que dá uma resposta imaginária à pergunta: ‘Como seria o Cristo se de fato houvesse um mundo como Nárnia e ele escolhesse encarnar-se e morrer e ressuscitar nesse mundo como ele de fato fez no nosso?’ Isso não é absolutamente uma alegoria. (Lewis, apud McGrath, 2013, não paginado).

Sendo assim, é possível compreender que quando Lewis começou a ter as imagens fantasiosas deste conto de fadas em sua cabeça, ele não as criou e as escreveu com o intuito de realmente ser uma alegoria religiosa, elas são na verdade uma suposição teológica. Lewis chegou a inserir nas histórias indicadores do que ele chama de “significados secundários”, mas como ele não pretendia escrever uma alegoria, ao compararmos isso com o seu processo de criação e escrita, é possível entender como estas histórias ganharam esta forma e esta fama.

Conforme comentado anteriormente, Lewis começou a escrever as histórias com base em imagens espontâneas que se formavam em sua mente, e a partir destas imagens, se iniciaram as suposições, como disse Lewis: “...vamos imaginar que forma poderão assumir as atividades de um Criador, um Redentor ou um Juiz no [esquema das coisas] dali.” Isto, você vê, sobrepõe-se à alegoria, mas não é bem a mesma coisa.” (Duriez apud Lewis, 2018). Duriez relata que esta citação é de uma das cartas escritas por Lewis antes de morrer. Mesmo com todos os livros já lançados e se tornando um grande sucesso literário, Lewis continuava firme em sua proposta de que as obras das terras mágicas de Nárnia não são alegorias, mas sim suposições de como a Teologia Cristã e os elementos que a cercam, o que, como ele mesmo disse, pode ser confundido como uma alegoria, mas não é. Porém, em seu ensaio “Teologia é poesia?”, Lewis aborda a complexidade de reafirmar a crença cristã de uma maneira que esteja “livre de metáfora e símbolo”.

Ao realizar um estudo comparativo entre a Teologia e outras mitologias, ele conclui que, mesmo em tentativas de simplificar a linguagem, como ao dizer “Deus entrou na história” em vez de “Deus desceu à Terra”, a metáfora permanece. Como ele afirma: “Podemos tornar os quadros mais prosaicos; não podemos ser menos ilustrativos” (Lewis, 2018). Essa refle-

xão revela a intenção de Lewis ao escrever as Crônicas de Nárnia, onde as metáforas e símbolos não são meras ornamentações, mas ferramentas essenciais para transmitir verdades profundas sobre a condição humana e a espiritualidade.

Nas páginas de Nárnia, as imagens e narrativas mágicas oferecem um meio acessível e envolvente para comunicar conceitos teológicos complexos, permitindo que leitores de todas as idades explorem a essência da fé cristã dentro de um contexto imaginativo e significativo. Assim, Lewis transforma cada aventura em uma jornada espiritual, demonstrando que a linguagem figurativa é, na verdade, um caminho legítimo para a compreensão da Verdade.

2. A CRISTOLOGIA

Grudem define a Teologia Sistemática como “qualquer estudo que responde à pergunta ‘O que a Bíblia como um todo nos ensina hoje?’ sobre qualquer tópico” (Grudem, 2010, p. 1). Dentro dessa área, a Cristoologia trata da pessoa e obra de Jesus Cristo, incluindo temas como sua encarnação, natureza divina e humana, e sua obra redentora. Neste tópico, examinaremos como a figura de Aslam, de C.S. Lewis, pode ilustrar aspectos cristológicos. Embora Lewis tenha negado que Aslam seja uma alegoria direta de Cristo, ele afirmou que o personagem responde à questão: “Como seria Cristo em um mundo como Nárnia?” (Lewis, apud McGrath, 2013, não paginado). Essa abordagem permite fazer paralelos entre Aslam e Jesus, facilitando o ensino da Cristoologia, especialmente para públicos mais amplos.

A análise foca nos temas de encarnação, sacrifício e ressurreição presentes nas Crônicas de Nárnia, mostrando como Lewis usa símbolos e metáforas para comunicar verdades cristãs de forma acessível e didática.

2.1 IMPORTÂNCIA DA CRISTOLOGIA NA ATUALIDADE

Para justificar o uso das obras de C.S. Lewis no ensino da Teologia Sistemática, é necessário primeiro entender o que é essa área da Teologia, focando especialmente na Cristologia, que é o centro deste estudo. A Teologia Sistemática organiza doutrinas fundamentais da fé cristã, e a Cristologia, em particular, é o ensino sobre a segunda pessoa da Trindade, buscando assim explicar quem é Jesus e a importância de sua encarnação. Esse entendimento profundo é essencial para que possamos apreciar como a figura de Aslam em As Crônicas de Nárnia pode ser usada como uma ilustração eficaz dessa doutrina.

Grudem, em sua Teologia Sistemática, ao tratar da pessoa de Cristo, explora as razões que fundamentam a necessidade da plena humanidade de Jesus para que ele pudesse cumprir seu papel como Messias. Ele levanta a pergunta “Por que era necessário que Jesus fosse plenamente humano?” e responde com sete motivos principais, como a necessidade de um sacrifício substitutivo e de um mediador entre Deus e os homens (Grudem, 2010, p. 444-445). Aqui, Grudem não apenas lista argumentos, mas demonstra que a humanidade de Cristo é central para a nossa salvação e que essa doutrina não é um mero detalhe teológico, mas um pilar da fé cristã.

Essa análise de Grudem sugere que compreender a encarnação é essencial para qualquer cristão que busca entender a profundidade de sua própria salvação, o que fortalece a justificativa para buscar ilustrações que ajudem a tornar essa doutrina mais acessível. Aslam, em As Crônicas de Nárnia, ao representar um sacrifício e redenção em favor dos personagens, reflete justamente essa centralidade da encarnação e mediação de Cristo que Grudem descreve, tornando-se assim uma ponte pedagógica para este entendimento.

McGrath, em sua Teologia Sistemática, reforça ainda mais o valor da Cristologia ao afirmar que ela está inseparavelmente ligada à autoridade

das Escrituras. “A Cristologia e a autoridade da Escritura são ligadas de forma indissociável, pois é a Escritura que nos traz o conhecimento de Jesus Cristo” (McGrath, 2007, p. 404). Esse ponto sublinha a necessidade de que, ao buscarmos entender quem é Cristo, olhemos para a Bíblia como a fonte primordial. A utilização da figura de Aslam encontra respaldo nessa visão, pois as histórias de Nárnia funcionam como um recurso que aponta de volta à Escritura, ajudando leitores a visualizar, por meio de uma narrativa, aspectos bíblicos da pessoa e obra de Jesus.

Quando Aslam age em prol dos personagens, Lewis ilustra conceitos que, na realidade cristã, apontam para o caráter e as ações de Cristo como apresentados na Bíblia. A partir do que McGrath traz, fica claro que o uso de Aslam deve ser entendido não como um substituto do estudo bíblico, mas como uma metáfora que torna a doutrina acessível, ajudando os leitores a relacionarem a narrativa com as Escrituras.

Por fim, Erickson (2018) argumenta que o estudo de Cristo é o centro da teologia cristã, pois a fé cristã depende essencialmente da crença na pessoa de Cristo e na restauração da humanidade por meio dele. Para ele, entender quem é Cristo e o que ele fez é fundamental para a própria identidade cristã. Aqui, ao usar Aslam como uma representação de Jesus, podemos ajudar os leitores a entender a importância de Cristo para sua fé. Aslam oferece uma forma de ilustrar a ideia de redenção e restauração, levando o leitor a refletir sobre como Cristo realiza isso na vida humana.

Essa relação direta entre o papel redentor de Aslam e a obra de Cristo que Erickson (2018) descreve justifica o uso das histórias de Nárnia como uma ferramenta educativa que torna as doutrinas cristãs, em particular a Cristologia, mais compreensíveis e impactantes.

Assim, considerando os argumentos de Grudem (2010), McGrath (2007) e Erickson (2018), podemos ver que todos eles destacam não apenas a importância de estudar a Cristologia, mas a necessidade de torná-la compreensível e aplicável. A figura de Aslam, que Lewis criou, exemplifica o que os autores descrevem: uma maneira concreta de acessar verdades

profundas sobre a pessoa e obra de Cristo. As ilustrações de Lewis não substituem a doutrina, mas complementam o ensino, oferecendo uma forma envolvente de aproximar os estudantes das verdades bíblicas e incentivando o crescimento na fé e na compreensão de quem é Jesus.

2.2 A MORTE E A RESSURREIÇÃO DE CRISTO

A doutrina da encarnação, que afirma que o Filho de Deus assumiu a natureza humana em Jesus Cristo, é um dos pilares centrais da cristologia. Em sua fundamentação bíblica, a encarnação é vista como a ação divina de tomar forma humana para a realização da salvação. Este conceito é amplamente tratado nas Escrituras, especialmente em passagens como João 1.14, onde se afirma que “o Verbo se fez carne e habitou entre nós”. A encarnação é, portanto, a união do divino e do humano, e entender seus significados profundos é crucial para o ensino cristão, como também é essencial para a teologia sistemática que aborda a pessoa e obra de Cristo.

Segundo Grudem (2010), a encarnação implica não apenas na adoção de uma natureza humana por parte de Cristo, mas também na preservação de sua divindade plena. Em sua “Teologia Sistemática”, o autor defende que Jesus é plenamente Deus e plenamente homem, sem mistura, sem divisão, mas uma união real das duas naturezas. Isso implica que em Jesus há uma fusão das qualidades de Deus com as características humanas, sendo uma das doutrinas mais complexas e fundamentais do cristianismo.

Alister McGrath (2007), por sua vez, aborda a encarnação em uma perspectiva histórica, refletindo sobre o impacto dessa doutrina na formação do cristianismo primitivo. Para McGrath, a encarnação não é uma mera questão teológica abstrata, mas tem profundas implicações para a compreensão da obra de Cristo na salvação da humanidade. A encarnação torna possível a mediação de Cristo entre Deus e o homem, e essa me-

diação é central para a obra redentora de Cristo, conforme descrito nas Escrituras e confirmado pela tradição cristã.

Millard Erickson (2018), em sua “Teologia Sistemática”, enfatiza a importância da encarnação não apenas na revelação de Deus, mas também na possibilidade de Cristo se identificar com a condição humana. Erickson argumenta que a encarnação é uma resposta ao problema do pecado, pois é através da humanidade de Cristo que o pecado é tratado de maneira completa. Ele discute a necessidade da encarnação como parte do plano de salvação de Deus, destacando que Jesus, sendo homem, experimentou plenamente a dor, a tentação e a morte, mas sem pecado.

Além dos teólogos citados, Severa (2016) também trata da encarnação de forma significativa em sua “Teologia Sistemática”. Ele destaca que, ao se tornar homem, o Filho de Deus não renunciou à sua divindade, mas a assumiu de maneira nova, vivendo entre nós como verdadeiro homem, para que pudesse cumprir a missão de salvar a humanidade. Severa coloca que a encarnação é o ponto de encontro entre a transcendência divina e a imanência humana, permitindo que a salvação fosse realizada de maneira eficaz.

Louis Berkhof (2019) também explora a doutrina da encarnação de maneira profunda, destacando que a união hipostática – a união das naturezas divina e humana em Cristo – é essencial para a teologia cristã. Para Berkhof (2019), a encarnação não é apenas um evento histórico, mas uma verdade teológica que sustenta toda a obra redentora de Cristo. Ele explica que, sem a encarnação, a morte de Cristo na cruz não teria sido suficiente para reconciliar os seres humanos com Deus, pois a perfeição divina era necessária para oferecer um sacrifício digno e eficaz.

A relação da encarnação com as histórias de Nárnia, Aslam, em “As Crônicas de Nárnia”, representa uma figura de sacrifício e redenção que reflete a natureza de Cristo como aquele que assume a responsabilidade pela salvação de outros. Assim como Cristo, Aslam se entrega para salvar Nárnia, e seu sacrifício torna-se um símbolo poderoso do amor redentor de Deus. A morte e ressurreição de Aslam, em particular, espelham a

obra de Cristo na cruz e sua vitória sobre a morte, mostrando como elementos narrativos podem ser utilizados para ilustrar verdades teológicas profundas.

No contexto de ensino cristológico, essas ilustrações de Aslam ajudam a conectar conceitos teológicos complexos com as experiências humanas de sofrimento e esperança. O ensino sobre a encarnação, portanto, não precisa ser restrito a uma abordagem puramente abstrata, mas pode ser complementado com histórias que trazem uma compreensão mais acessível e emocionalmente conectada aos ouvintes, como as de Nárnia.

Dessa forma, foi apontado que a doutrina da encarnação é fundamental não apenas para a teologia sistemática, mas também para a compreensão prática do cristianismo, especialmente no que se refere à obra de Cristo e à maneira como ele é retratado em figuras como Aslam. As lições que podem ser extraídas das Escrituras, dos teólogos clássicos e das ilustrações de Nárnia tornam o ensino cristológico acessível e relevante, oferecendo aos crentes uma compreensão mais rica e profunda do mistério da união das naturezas divina e humana em Cristo.

3 ASLAM COMO ILUSTRAÇÃO À PESSOA DE JESUS

Conforme explorado ao longo desta pesquisa, C.S. Lewis, ao escrever As Crônicas de Nárnia, concebeu Aslam não como uma alegoria direta de Cristo, mas como uma representação hipotética de como o Filho de Deus poderia se manifestar em um universo fantástico e como ele agiria nesse contexto. Lewis imaginou uma versão de Cristo para um mundo mágico, com uma natureza, comportamento e atributos que respondem à pergunta: “E se o Filho descesse a Nárnia para salvá-la, como Ele fez em nosso mundo?” Dessa forma, é possível identificar inúmeras similaridades entre Jesus Cristo e o grande leão, que refletem os atributos descritos nas Escrituras e nos estudos teológicos. Como observado por Will Vaus, em sua

análise sobre Lewis, muitos encontram dificuldades para compreender e amar a Deus em sua infância, especialmente porque são ensinados sobre como se sentir em relação a Ele, sem serem incentivados a experimentar essas emoções de forma natural.

Ao contrário disso, as histórias de Nárnia despertam sentimentos genuínos nos leitores, especialmente nas crianças, que naturalmente se apaixonam por Aslam. Vaus relata que Lewis, em uma carta a uma mãe preocupada, esclareceu que, embora seu filho Laurence amasse Aslam, isso não significava que ele amasse mais Aslam do que a Jesus. Isso porque os aspectos do caráter de Aslam que ele admirava e amava eram, na verdade, reflexos das qualidades que Jesus demonstrou em Sua vida e ministério (Vaus, 2005, não paginado).

Nesta última parte da pesquisa, iremos realizar essa conexão, integrando os elementos da Cristologia previamente discutidos com situações narrativas nas obras de Lewis. Essas histórias se tornam, assim, uma rica ilustração didática para doutrinas fundamentais, ajudando no entendimento e na reflexão da fé cristã.

3.1. AS HISTÓRIAS DE NÁRNIA

A série de livros “As Crônicas de Nárnia” de C.S. Lewis apresenta diversas histórias que, embora não sejam uma alegoria direta, evocam temas profundos da cristologia. Lewis, ao criar o personagem de Aslam, fez uma “suposição” sobre como Cristo poderia se manifestar em um mundo diferente do nosso. Essa abordagem permite que temas centrais da cristologia sejam explorados através de narrativas envolventes, acessíveis para crianças e adultos. Abaixo, exploramos algumas das histórias-chave de Nárnia, destacando como elas refletem elementos fundamentais da fé cristã, da Cristologia e como elas se encontram em paralelo com passagens bíblicas.

Na obra mais famosa dentre as sete, *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, a redenção e o sacrifício de Aslam, que se oferece em troca da vida de Ed-

mund, (Lewis, 2009, p. 150) remetem ao sacrifício de Cristo pela humanidade. Ao permitir que a Feiticeira o mate na Mesa de Pedra, Aslam espelha a entrega de Cristo na cruz, suportando a injustiça e o sofrimento pelo bem maior (cf. Lucas 23:46). Logo após, Aslam ressuscita ao amanhecer (Lewis, 2009, p. 156) ecoando a ressurreição de Cristo e a vitória sobre o pecado e a morte. A representação de Aslam voltando à vida reflete a esperança cristã na ressurreição e na vida eterna.

No livro O Sobrinho do Mago, é explorado o momento de criação de Nárnia, simbolizando a criação do mundo como narrado em Gênesis. Nele, Aslam canta o universo à existência, enchendo-o de beleza e vida (Lewis, 2009 p. 105). Assim como o Verbo (Logos) foi central na criação do mundo (João 1:3), Aslam representa o poder divino de criar e ordenar o caos. A imagem de Aslam caminhando e cantando lembra a visão cristã de Deus trazendo vida e ordem ao universo.

Em A Viagem do Peregrino da Alvorada, Aslam orienta Eustáquio, transformando-o de dragão em menino (Lewis, 2009 p. 113), o que ilustra a regeneração espiritual e a transformação oferecida por Cristo (2 Coríntios 5:17). Assim como Cristo opera uma mudança radical no crente, trazendo-o da morte para a vida, a transformação de Eustáquio reflete a renovação que ocorre na vida do cristão ao ser tocado pela graça divina. A ação de Aslam de restaurar Eustáquio simboliza o novo nascimento, uma metáfora poderosa para a regeneração espiritual que acontece por meio da fé em Cristo, conforme descrito em João 3:3-6.

No livro seguinte, A Cadeira de Prata, vemos uma interação fundamental entre a personagem e Aslam. Jill, após passar um tempo perdido em uma floresta, sente sede. Mas ao encontrar um riacho, lá se depara com o grande leão. Não o conhecendo ela se assusta e fica com medo, mas ele começa a conversar com ela, e fala que se ela tem sede que beba , ele não iria fazer nenhum mal a ela e também aquele era o único riacho por perto (Lewis, 2009 p. 27) Essa situação mostra com quase que um diálogo fiel a história de Jesus e a mulher samaritana presente no livro de João 4. Na conversa

com Jill, Aslam ainda se mostra justo e repreende as ações da menina (Lewis, 2009 p. 29), mas logo em seguida a dá uma missão de extrema importância, assim como Jesus fez com a mulher samaritana.

No livro final da série, A Última Batalha, vemos o reflexo do Apocalipse 20:11-15, abordando o julgamento e o destino final das almas. Nele, Aslam retorna para julgar os habitantes de Nárnia (Lewis, 2009 p. 172) simbolizando o retorno de Cristo para o juízo final. Essa narrativa alude às Escrituras, como em Mateus 25:31-46, onde Cristo separa as “ovelhas dos bodes”, ilustrando o destino eterno de cada um conforme suas obras e sua fé.

Essas são apenas algumas das histórias presentes no livro, algumas das que se relacionam diretamente com a Cristologia e a encarnação de Cristo, porém já é possível perceber que as obras de Lewis capturam diferentes aspectos da doutrina cristã, desde a criação até a redenção e o julgamento final. Embora não sejam alegorias diretas, as narrativas carregam uma “história escondida”, como Lewis comentou, uma estrutura teológica que auxilia na compreensão do papel de Cristo e no desenvolvimento da fé.

3.2 ASLAM COMO UMA FIGURA ILUSTRATIVA DA CRISTOLOGIA

A teologia sistemática fornece uma estrutura sólida para entender a encarnação e o sacrifício de Cristo, temas centrais que encontram um reflexo simbólico nas ações e atributos de Aslam. Grudem destaca que a encarnação era fundamental para que Cristo pudesse representar a humanidade, tornando-se um sacrifício verdadeiro e eficaz (Grudem, 2010, p. 445). Em Nárnia, essa ideia de sacrifício é simbolicamente representada quando Aslam oferece sua vida em lugar de Edmundo, refletindo o papel de Cristo como redentor da humanidade. Tal como Cristo, Aslam age como um mediador e salvador, que, ao assumir a culpa de Edmundo, estabelece a justiça divina em um contexto de amor e misericórdia. Esse gesto dramatiza a

doutrina do sacrifício substitutivo de maneira visual e simbólica, facilitando a compreensão dessa verdade teológica complexa.

Outro elemento crucial da Cristologia é a ressurreição, que, segundo Erickson, representa a vitória final de Cristo sobre o pecado e a morte, sendo o fundamento da esperança cristã (Erickson, 2018, p. 638). Na narrativa de Nárnia, o retorno de Aslam após seu sacrifício é um símbolo claro da ressurreição de Cristo, trazendo uma nova esperança e renovação para os habitantes de Nárnia. Esse evento também se alinha com o tema da criação redimida, pois Aslam, ao voltar à vida, não apenas reafirma sua autoridade e bondade, mas também instaura uma nova ordem de paz e justiça. Essa ressurreição demonstra a promessa cristã de que a criação será restaurada, uma esperança que permeia tanto a teologia quanto a literatura de Nárnia.

A figura de Aslam também espelha o caráter moral e espiritual de Cristo, sendo uma ilustração do ideal de vida cristã. Aslam é descrito como compassivo, justo e verdadeiro, atributos que, segundo as Escrituras, também são encontrados em Cristo. Ao longo das crônicas, Aslam orienta, encoraja e, quando necessário, disciplina os personagens, refletindo a liderança de Cristo, que, em sua missão terrena, instrui e exorta seus seguidores a viverem uma vida de amor e verdade. McGrath explica que a figura de Cristo como “o caminho, a verdade e a vida” (João 14:6) é central para a fé cristã, pois revela o chamado a uma vida fundamentada em princípios eternos e no amor divino (McGrath, 2007, p. 203). Em Nárnia, Aslam se torna essa representação de um modelo moral e espiritual, ensinando por meio de suas ações e palavras a verdadeira essência da vida cristã.

Dessa forma, ao integrar elementos da teologia sistemática com as narrativas de Nárnia, Lewis proporciona aos leitores uma ilustração rica e acessível das doutrinas cristãs fundamentais. Aslam, com seu papel de redentor e mestre, atua como uma ponte que permite aos leitores vivenciarem as verdades do cristianismo em um contexto de fantasia, facilitando o entendimento e a apreciação dos mistérios da fé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das passagens mais conhecidas de As Crônicas de Nárnia está presente no livro A Viagem do Peregrino da Alvorada. Nela, após vencerem todas as dificuldades que assolavam aquele mundo mágico, os personagens principais se dirigem até o chamado “Fim do Mundo”. Neste local, eles se encontram com um Cordeiro, que, após dar a eles o que comer e beber, é questionado pelas crianças se aquele era o caminho para o País de Aslam, uma representação do Paraíso. O Cordeiro responde que, para eles, não, que encontrariam esse caminho em seu mundo, e que, em todos os mundos, seria possível encontrar esse caminho. Logo após, o Cordeiro se revela como o grande leão Aslam, que, ao ser questionado se Ele estava presente no mundo das crianças, responde: “Estou. Mas tenho outro nome. Tem de aprender a conhecer-me por esse nome” (Lewis, 2009, p. 229-230).

Essa fala reflete a identidade transcendente de Cristo, como descrito em João 1:14, onde o Verbo se fez carne, e também alude a Isaías 55:1-3, que fala da água da vida oferecida por Deus: “Vinde às águas...”. Assim como a água da vida de Cristo, que vai além da compreensão humana, como visto em João 4:14, Aslam, em Nárnia, possui mistérios profundos e divinos, conhecidos apenas por aqueles que realmente o buscam. De certo modo, é isso que este trabalho buscou realizar, seguindo a indicação do próprio Aslam: encontrá-lo e conhecê-lo profundamente em nosso mundo.

Após este estudo sistemático das obras de Lewis e da Cristologia, foi apresentada a importância e a necessidade do ensino da Cristologia e dos atributos dessa doutrina para todas as faixas etárias presentes em nossas comunidades de fé, visto que este entendimento da encarnação de Cristo pode aproximar os fiéis de sua fé, fortalecendo a relação pessoal com Deus. Dessa forma, Aslam não só serve como uma ilustração da Cristologia, mas também como um meio de ajudar as crianças e adoles-

centes a compreenderem e se conectarem mais profundamente com os ensinamentos cristãos, sem a imposição de um entendimento intelectual, mas por meio da experiência emocional e narrativa. Conforme discutido anteriormente, Vaus observa que as histórias de Nárnia despertam sentimentos autênticos em crianças, que desenvolvem um afeto natural por Aslam. Lewis explicou em uma carta que essa afeição não rivalizava com o amor por Jesus, pois o que elas amavam em Aslam eram as qualidades que refletem o caráter de Cristo.

Portanto, o uso de Aslam como uma representação de Cristo se mostrou eficaz e significativo, conectando a profundidade da Cristologia com a simplicidade narrativa de Nárnia. A figura de Aslam facilita a compreensão e a vivência espiritual, oferecendo uma ponte entre o ensino teológico e a experiência emocional, acessível tanto para crianças quanto para adultos. Dessa maneira, vemos que a figura de Aslam contribui não só para ilustrar a Cristologia, mas também para enriquecer o relacionamento dos leitores com Cristo, respondendo, assim, à pergunta norteadora deste trabalho.

REFERÊNCIAS

- BERKHOFF, L. **Teologia sistemática**. [S. l.]: Bookwire - Editora Cultura Cristã, 2019. 966 p. Disponível em: <https://elibro.net/pt/lc/fabapar/titulos/254129>. Recuperado de: 14 nov. 2024.
- Bíblia.** NVI: Bíblia Sagrada. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2022.
- DURIEZ, C. J.R.R. Tolkien e C.S. Lewis: **O Dom da Amizade**. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2018.
- ERICKSON, M. J. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2018.
- GONÇALVES, Sabrina Rosa. **O intertexto bíblico na literatura juvenil**: As Crônicas de Nárnia, de C. S. Lewis. Anais da EST, v. 3, 2016. Reforma: Tradição e Transformação. Disponível em: <http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/485>. Acesso em: 07 nov. 2024.
- GRUDEM, W. **Teologia Sistemática**: Uma Introdução à Doutrina Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- KUNZ, C. A. **As Parábolas de Jesus e Seu Ensino sobre o Reino de Deus**: Desvendando o Mistério das 42 Parábolas Muito Além do Óbvio. São Paulo: AD Santos, 2014.
- LEWIS, C. S. **A Cadeira de Prata**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- LEWIS, C. S. **A Última Batalha**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- LEWIS, C. S. **A Viagem do Peregrino da Alvorada**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- LEWIS, C. S. **O Cavalo e Seu Menino**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- LEWIS, C. S. **O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

LEWIS, C. S. **O Sobrinho do Mago**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

LEWIS, C. S. **Príncipe Caspian**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MCGRATH, A. **A vida de C. S. Lewis**: Do ateísmo às terras de Nárnia. [S. l.]: Bookwire - Editora Mundo Cristão, 2013. 488 p. Disponível em: <https://elibro.net/pt/lc/fabapar/titulos/265511>. Recuperado de: 14 nov. 2024.

MCGRATH, A. E. **Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica**: Uma Introdução à Teologia Cristã. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

RECREIO. **15 anos de As Crônicas de Nárnia**: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa: 5 curiosidades sobre a saga. Recreio, 2004. Disponível em: <https://recreio.com.br/noticias/entretenimento/15-anos-de-as-cronicas-de-narnia-o-leao-a-feiticeira-e-o-guarda-roupa-5-curiosidades-sobre-a-saga.phtml>. Acesso em: 07 nov. 2024.

SEVERA, Z. D. A. **Manual de Teologia Sistemática**: Edição Revista e Ampliada. [S. l.]: Bookwire - AD Santos Editora, 2016. 608 p. Disponível em: <https://elibro.net/pt/lc/fabapar/titulos/259051>. Recuperado de: 14 nov. 2024.

SILVA, Heraldo Aparecido; OLIVEIRA, Marcos Francisco de Amorim. **As alegorias religiosas de C. S. Lewis nas Crônicas de Nárnia**. Revista Rever, v. 20, n. 3, 2020. Religião e cultura pop. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/rever/article/view/51868>. Acesso em: 07 nov. 2024.

VAUS, W. C. S. Lewis: **An Exploration of His Spirituality**. Milton Keynes: Authentic Media, 2005.

VASCONCELOS, L. (Il.). **Guia prático de Nárnia**: Vida e obra de C.S. Lewis. Osasco - SP: Bookwire - Editora Novo Século, 2022. 111 p. Disponível em: <https://elibro.net/pt/lc/fabapar/titulos/234735>. Recuperado de: 14 nov. 2024.